



“Lúcia Lima”

Lúcia Lima olhou para o velho relógio de parede andavam os ponteiros pelas cinco da manhã. Era cedo. Uma sede estranha acordou-a de um sono que há muito não a deixava dormir. Um seco na boca, um gosto qualquer impreciso, semelhante a algo esquecido. Levantou-se da cadeira que ficava sempre diante da chaminé, onde repousava os ossos despertos da madrugada. Mais uma vez esquecera-se de acender o lume. Olhou para os seus hóspedes invisíveis, uma criança, uma velhota, um homem de barbas com os seus duzentos anos. Para este falou:

- Já viu para o que me deu agora?

Naquele dia, ao chegar da estação, encontrou-os a um canto dos escombros em que ficara a sua cozinha, a única divisão da casa que permanecera de pé. Sem espanto, entendeu o cumprimento que lhe fizeram, reverentes, numa língua engraçada e impronunciável. Por qualquer motivo decidiu que eram checoslovacos, e checoslovacos ficaram, refugiados de uma vida qualquer que já não desejavam e que, por isso, já não lhes dizia respeito.

- Para que está com isso agora... - disse-lhe o homem, cofiando a longa trança acinzentada que lhe pendia do rosto. – É o mesmo todos os dias. Também não está frio...

Não estava, pelo contrário. Continuava a entrar aquele calor morto dos últimos... Quantos, trinta anos? No dia em que os encontrou instalados no canto da sua cozinha, nesse dia em que embarcou Eduardo para uma viagem de esperança que se supunha breve, então sim, estava um frio de rachar. Falava-se de uma frente fria vinda da Islândia, gelo sem Inverno que ameaçava hibernar os campos, a vida dos agricultores e dos recém-nascidos.



Mas depois o céu avermelhara cores rasgadas e caíra uma chuva de corpo absurdo, manteiga derretida que derrocou casas e cingiu culturas por muitas épocas.

- Cheguem-se aqui para o fogo – dissera-lhes. Mas então reparara na chaminé sem lenha.

- Deixe estar. Não está frio.

Não estava. Passada a tormenta, um calor infernal assentara ali a sua poeira de diabo em busca de mau caminho.

A convivência com os seus hóspedes começou por ser reservada. Eles próprios raramente falavam entre si. Pareciam esperar, com uma paciência infinita, por uma hora que, não tinham dúvidas, acabaria por chegar. Tão pouco se lhe dirigiam com frequência, sobretudo a partir do momento em que perceberam que o silêncio não a ofendia, pelo contrário, convivia com ele perfeitamente. Passavam as noites juntos acordados nesse silêncio.

E assim foi crescendo a amizade deles, principalmente a de Lúcia com o homem das barbas seculares. Encontravam-se nos olhares, que começavam a traduzir géneros de uma compreensão absoluta. Se ela deixava escapar um suspiro, ele anuía como se tudo desvendasse; quando ela exasperava, incapaz de sossegar, era na cumplicidade dele que apaziguava. Evoluiu de tal forma esta intimidade, que um dia o velho passou a acompanhá-la à estação, mesmo que apenas a seguisse. Ultrapassava-a no seu passo lento quando ela parava para trocar novidades com Pôncio Justo, o cego, deixava-se depois ultrapassar por ela no seu andar de formiguinha atlética.

Lúcia Lima e o cego entendiam-se. Era um homem estranho, de idade indeterminada, de quem se dizia falar com as almas. Fora ele, com o seu olfacto de cego, quem pusera a Lúcia esse nome que não lhe pertencia, mas que de tanto ouvir lhe passou a soar com naturalidade de um baptismo imemorial.



Há muito que ela estava tão pálida que já quase não podia ser vista a olho nu, e no entanto, Pôncio Justo via-a cada vez mais definidamente:

- A comadre está mais nova.

- Não brinque comigo, compadre, ninguém fica mais novo. Até os mortos envelhecem...

- Não estou a brincar... às vezes o tempo brinca com as idades da vida. A comadre está mais nova, sou eu que lho digo... Vê-se pelo cheiro. – Palpou o ar com o seu nariz experiente e proclamou a exactidão daquele odor. – A comadre cheira a Lúcia-lima!

As capacidades sensitivas do cego eram tão obscuras que muitos duvidavam da sua sanidade mental. Não raras vezes era visto em amena cavaqueira nas ruas, falando para ninguém. À noite, parava à porta da taberna a observar com os seus olhos mudos o que chamava a transumância das estrelas. Encostava-se depois ao balcão e informa para quem quisesse ouvir:

- Cassiopeia foi para norte!

Na estação, o homem das barbas seculares sentava-se noutra banco, ficava a matutar sem expressão, espectador perdido, ouvindo Lúcia Lima contar para o marido ausente:

- Sabes lá o que práqui vai...

Mentia, apimentava as histórias, tinha jeito para contar. O checoslovaco via as imagens desenhando-se, entendia-as sem as perceber, como se assistisse a um filme estrangeiro.

À entrada da noite no céu sem nuvens, despediam-se da demora e juntos palmilhavam de volta os três quilómetros do regresso. Cruzavam em silêncio caminhos estéreis e atalhos vãos, e em casa, Lúcia voltava a abandonar-se na cadeira em frente à chaminé vazia.



No dia seguinte, às cinco da manhã, levantava-se sem ter pregado olho, era cedo, tinha aquela sede esquisita, a voz suja de um gosto anónimo. Queixava-se do lume de chão.

- Já viu para o que me deu agora, compadre?

Mas não estava frio, continuava aquele calor morto que ameaçava queimar os séculos.

Só trinta anos volvidos, o velho decidiu acabar com o rasto daquela escolta diária e silenciosa.

- Hoje vamos juntos. E vamos todos.

E então seguiram juntos, à frente Lúcia com seus passinhos frenéticos, depois os dois velhos carregados de bagagens perdidas, finalmente o menino pontapeando pedras imaginárias.

Na estação, Pôncio Justo aguardava a comitiva com derradeiras novidades:

- O alemão diz que não se lembra das nuvens. Que o sol lhe queima o sangue, mas que o que lhe dói é não se lembrar... Tentei descrever uma nuvem, que era assim como um cheiro branco que vem antes da chuva...

- E ele? – inquiriu o checoslovaco, uma curiosidade que não suspeitava ter.

Lembrou-se... Lembrou-se e depois não aguentou as saudades que tinha delas...

Mas a Lúcia, o coração a vapor por fim estacionado, já não interessava a depressão do alemão.

O comboio chegou na hora marcada de quem nunca perdeu a esperança, sem cadências sonoras de máquina constante ou ornamentos de névoa de sonho.

- Vem no horário – notou o cego.



Lúcia sentiu a garganta húmida e um gosto esquecido evadiu-se-lhe da boca.

- Parece que sim...

E de facto, sentiu-se mais nova. A porta de uma das carruagens abriu-se diante dela, e a palavra serena e forte de Eduardo estendeu-lhe a mão com naturalidade.

- Demorei?

- Nem por isso – disse ela, a voz estranhamente limpa. – Só passou um dia de cada vez...

Lúcia observou os seus hóspedes entrando noutra carruagem mais abaixo, reencontrando-se com o seu próprio tempo. Acenou apenas um leve adeus silencioso, que fora o idioma do seu entendimento, e subiu para o trem.

Nessa noite, na taberna, Pôncio Justo contou da chegada do comboio com o regressado Eduardo e do embarque de Lúcia Lima e do seu séquito sem fronteiras. A caminho das estrelas ou do futuro, em qualquer dos casos destino certo para quem tanto e por tão pouco se amara... Mas o relato não colheu excessivo interesse entre os convivas, falecidos demais para as conjuras da vida.

A única reacção ocorreu secreta no pensamento sibilino, as ideias roucas de desuso, do taberneiro Duarte Veiga. O dia em que a violenta tempestade caiu do céu para dar quebranto aos sonhos dos homens; Lúcia soterrada no monte recém terminado do casal; Eduardo mais adiante, fundido na amálgama retorcida da carruagem, morte em dobro do amor... Desde então comboio algum voltara a entrar na estação, destruída no seu orgulho arquitectónico, com ervas de metro e meio a invadirem a pauta silenciosa dos carris... Tudo isto Duarte Veiga recordou, mas nada disse.



Atirou um gesto de desprezo à novidade, mudou o copo de mão e regressou aos esquecimentos, alheio aos desvelos do cego que, com entoação de certezas, finalizava formas à sua maneira de ver:

- Ocasionalmente, o Universo interrompe a sua marcha infinita para esticar os ossos...
Nesses apeadeiros, há os que entram e os que saem.

Virou o pescoço para o céu que começava a acinzentar e, com o rumor das primeiras gotas de chuva a silvarem na terra seca, os olhos marejados por um vento subitamente refrescado, ouviu-se completar o próprio pensamento:

- E há os que por fim caminham juntos...